

EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO QUE LIBERTA, SOB O OLHAR REFLEXIVO DE PAULO FREIRE

*EDUCATION: INSTRUMENT THAT RELEASES, UNDER THE REFLECTIVE LOOK OF PAULO
FREIRE*

Edinete de Sousa Silva¹
José Damião Limeira²

RESUMO

O presente artigo, de natureza bibliográfica, visa refletir a “Educação” como Instrumento que Liberta o homem da ingenuidade, alienação, exclusão, pondo o mesmo como autor da própria libertação, na ótica Freireana. Segundo os teóricos da educação, a libertação é possível desde que haja compromisso com a própria transformação: libertar transformando, e transformar libertando. Libertar-se é superar a própria ignorância instigando tudo o que existe no universo e propondo agir com consciência, criticidade e compromisso.

Palavras-chave: Educação. Instrumento. Libertação. Transformação.

ABSTRACT

This article, of a bibliographic nature, aims to reflect “Education” as an Instrument that Frees man from naivete, alienation, exclusion, putting him as the author of liberation itself, in the Freirean perspective. According to education theorists, liberation is possible as long as there is a commitment to the transformation itself: liberate by transforming, and transform by liberating. To free oneself is to overcome one's own ignorance by instigating everything that exists in the universe and proposing to act with awareness, criticality and commitment.

Keywords: Education. Instrument. Release. Transformation.

¹ Licenciada em Letras e Pedagogia. Especialista em Linguagem pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP).

² Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Especialista em Orientação Educacional pelas Faculdades Integradas de Patos(FIP).

1 INTRODUÇÃO

A Educação é um termo profundo e comprometido com a existência humana, na qual, põe o homem de frente para si mesmo com o objetivo de conhecer-se, transformar-se, libertar-se.

Sabemos que, a educação é fruto da ação humana, ou seja, não há educação sem consciência, compromisso, práxis. A práxis se concretiza mediante a teoria e a prática, o conhecimento e a vivência. Educar significa viver a práxis – pondo o homem como eterno aprendiz e ensinante.

A educação se desenvolve com a aprendizagem e a ensinância – aprender ensinando, e ensinar aprendendo. Aprender quer dizer – saber o que ainda não sabe, nem conhece. Dessa forma, o ser humano vai aprendendo, desenvolvendo suas potencialidades humanas, intelectivas, críticas e comprometidas. Educar vai além de ler e escrever palavras; passa pelo pensamento, sentimento, emoção, motivando o homem a ser melhor, a encontrar-se consigo e a reconstruir a própria história. É agir sobre o agir humano lapidando a personalidade, definindo o caráter, construindo o sujeito ético, humano, cidadão, capaz de transformar o ingênuo no crítico, consciente e comprometido com o próprio bem.

Pergunta-se: O educando, hoje, tem estímulo para aprender e ensinar? Os educadores são reconhecidos, valorizados e motivados para lecionar? As escolas são espaços encantadores e estimuladores para formar sujeitos pensantes? A realidade brasileira dá sinais de apoio e engajamento na educação de qualidade? É possível sonhar diante da realidade excludente e opressora? Enfim, qual é a nossa política com a educação brasileira?

Paulo Freire é exemplo vivo de brasileiro consciente e comprometido com o seu povo. Analisando sua história, ele sentiu de perto as contradições da vida: pobreza e riqueza, alfabetos e analfabetos, críticos e ingênuos, e a partir de suas reflexões e vivências decidiu olhar para os pobres, excluídos, marginalizados, mostrando que é possível libertar-se das mazelas humanas. Citaremos os seguintes autores: Ceratti (1999); Feitosa (1999); Freire (1996); Sampaio(2004); Sousa Neto (2005); Teixeira (2020); que apontam a educação como caminho de libertação, que ultrapassa os limites da leitura e da escrita, chega ao ápice: forma o verdadeiro cidadão.

Infelizmente, para muitos a educação se resume em duas condições: ler e escrever, casa e escola. Se a família educa o ser humano, a escola forma o cidadão. Não há educação sem cidadania, nem cidadania sem educação, ou seja, família e escola, numa relação consciente e comprometida, libertam-se das mazelas humanas: ingenuidade, ignorância, exclusão.

“A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este

homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.” (FREIRE, 1987, p.19).

Portanto, o nosso objetivo, aqui, é refletir a Educação como instrumento que liberta; capaz de tornar o ser humano agente da própria libertação que passa pela práxis consciente, crítica, reflexiva e transformadora, mostrando que é possível unificar vida e dignidade, conhecimento e cidadania.

2 EDUCAÇÃO – INSTRUMENTO QUE LIBERTA

A educação é a prática libertadora, na qual, põe o homem no mundo pensante e transformador, capaz de assumir a própria transformação: transformando o homem ingênuo no homem crítico, consciente e comprometido com a liberdade existencial.

“Uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como ‘corpos conscientes’” (FREIRE, 1987, p. 36).

A educação acontece mediante a liberdade de ser, de expressar o pensamento baseado nos valores e na consciência. Somos conscientes da existência no mundo, do compromisso e da missão que temos para cumprir, agindo em prol do bem comum.

“A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicisticamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. Como se os homens fossem uma presa do mundo e este um eterno caçador daqueles, que tivesse por distração “enchê-los” de pedaços seus” (FREIRE, 1987, p. 36).

O homem consciente mergulha dentro de si mesmo, conhece a própria história e se define cidadão. Ao olhar para o interior percebe que é preciso mudar algo: aprender a dialogar que significa respeitar a própria natureza de existir, com intuito de ser melhor. Freire afirma que “não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro: um pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade” (FREIRE, 1987, p.47).

A educação é o processo de formação permanente que abre a mente humana para o mundo e sua realidade, propondo compreender o ser humano em sua totalidade, conduzindo-o para a dinâmica de ser agente libertador do próprio eu.

EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO QUE LIBERTA, SOB O OLHAR REFLEXIVO DE PAULO FREIRE

“Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido. Nessas sociedades, governadas pelos interesses de grupos, classes e nações dominantes, a “educação como prática da liberdade” postula, necessariamente, uma “pedagogia do oprimido”. Não pedagogia para ele, mas dele. Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente” (FREIRE, 1987, p.5).

Paulo Freire, na sua excelência de ensinar e aprender; mostra que educar é encantar-se com a vida e suas belezas, é viver a essência de ser: felicidade. A felicidade vem para todos? Todos são felizes? Como ser feliz diante de uma realidade egoísta, dura, difícil? Quem está preocupado com a felicidade do outro? É possível resgatar a felicidade? Enfim, como educar para a felicidade sem a liberdade de ser feliz?

A educação libertadora faz o homem expressar a liberdade existencial, de apresentar suas ideias, questionamentos, dúvidas, incertezas diante da vida. Ela passa pelo conhecimento, reflexão, escrita, leitura, consciência e compromisso com a própria realidade. Sabemos que, não basta alfabetizar o homem para considerá-lo liberto, é preciso abrir a mente para a reflexão e saber o que está por trás das palavras, dos gestos e das ações praticadas pelo próprio homem.

“A alfabetização, assim, se reduz ao ato mecânico de “depositar” palavras, sílabas e letras nos alfabetizandos. Este “depósito” é suficiente para que os alfabetizandos comecem a “afirmar-se”, uma vez que, em tal visão, se empresta à palavra um sentido mágico. Escrita e lida, a palavra é como se fosse um amuleto, algo justaposto ao homem que não a diz, mas simplesmente a repete. Palavra quase sempre sem relação com o mundo e com as coisas que nomeia. Daí que, para esta concepção distorcida da palavra, a alfabetização se transforme em um ato pelo qual o chamado alfabetizador vai “enchendo” o alfabetizando com suas palavras. A significação mágica emprestada à palavra se alonga noutra ingenuidade: a do messianismo. O analfabeto é um “homem perdido”. É preciso, então, “salvá-lo” e sua “salvação” está em que consinta em ir sendo “enchido” por estas palavras, meros sons milagrosos, que lhe são apresentadas ou impostas pelo alfabetizador que, às vezes, é um agente inconsciente dos responsáveis pela política da campanha” (FREIRE, 1981, p. 11).

A educação que somos e que temos mostra que devemos ser libertos da ignorância, ultrapassando os limites de ler e escrever palavras. Temos a capacidade de fazer uma releitura da própria realidade e de transformá-

la, assumindo que somos comprometidos com a causa nobre: a vida. Vida liberta, vida educada. Alfabetizar, conscientizar, orientar, conduzir para a reflexão e ação são partes do processo de libertação.

A leitura e a escrita influenciam na busca pela própria libertação. Quando o aluno busca aprender o que não sabe, e quando descobre o novo mostra o encantamento, admiração. E no admirar-se a si mesmo diante da aprendizagem toma consciência de que precisa aprender algo mais, aprofundar o que já sabe e saber o que ainda não sabe.

Freire apresenta a relação dialógica entre educador e educando, pondo ambos numa mesma direção: serem livres. A liberdade dá o direito de pensar e de expressar o pensamento, as ideias dentro da própria realidade. Enquanto o educador carrega consigo a bagagem de conhecimentos e experiências, se apresenta como aprendiz diante do educando para que ele se sinta a vontade e apresente seus conhecimentos, vocabulários. Ambos vão canalizar na busca e no amadurecimento do conhecimento, e em seguida, transportar o conhecimento construído para a realidade.

A ação entre educador e educando é uma ação dialógica e transformadora, parte natural da existência humana. Não há libertação sem o diálogo existencial, sem o encontro com o outro.

“o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes” (FREIRE, 1987, p.45).

O homem quando liberto da ignorância, analfabetismo, ingenuidade, perceberá a própria transformação e o crescimento interior, capaz de lutar pela dignidade e qualidade de vida. Ele sendo um ser político definirá melhor o conceito de homem e de sociedade, cidadania e compromisso com a existência humana. Ou seja, a política da educação é libertar o homem das ilusões, alienações, ignorâncias, é despertar a consciência para reconstruir a história jogando fora o que é opressor, esmagador, injusto, excludente.

“Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural” ou “depósito de informações” porque não emerge do saber popular” (FEITOSA, 1999, p. 1).

EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO QUE LIBERTA, SOB O OLHAR REFLEXIVO DE PAULO FREIRE

A educação é o instrumento que liberta e que transforma o homem e sua relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Aquele que não sabe ler e escrever sente-se perdido no mundo, sem horizontes e sem destino. Pergunta-se: O que fazer? Como libertar-se do analfabetismo? O que está por trás do não aprender? Quem não conhece teme às palavras, escritas, leituras? Escrever palavras é o mesmo que desenhá-las? Sabemos os verdadeiros significados do que escrevemos e desenhamos? Enfim, o hábito de ler e escrever transforma o meu mundo completamente?

(...) O aprendizado a leitura e da escrita não pode ser feito como algo paralelo ou quase paralelo à realidade concreta dos alfabetizando. (...). Na medida que os alfabetizando vão organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, da análise crítica de sua prática, irão podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo.” (FREIRE, 1987: 16-20).

A arte de questionar busca transformar a própria realidade, apontando para uma profunda reflexão sobre os estímulos, interesses, motivações em querer aprender o novo. Saber aprender e ensinar é atitude consciente, livre e comprometida, revelando o desejo de libertar-se para libertar seu povo, jogando fora as atitudes excludentes.

A exclusão começa a existir quando negamos o amor pela vida, por si mesmo e pelo o outro; quando deixamos de aprender e ensinar, de ver as coisas como elas são, e negamos a identidade de eternos aprendentes. Ninguém sabe tudo. Ninguém sabe nada. Queremos dizer que o ser humano sabe alguma coisa; sabe que existe; que tem história e valores.

Estas palavras são chamadas geradoras porque, através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras. Como palavras do universo vocabular do alfabetizando, são significações constituídas ou re-constituídas em comportamentos seus, que configuram situações existenciais ou, dentro delas, se configuram. Representativos das respectivas situações, que, da experiência vivida do alfabetizando, passam para o mundo dos objetos. O alfabetizando ganha distância para ver sua experiência: “ad-mirar”. Nesse instante, começa a descodificar. (FREIRE, 1987. p. 6)

A educação é um convite para a libertação: educar libertando e libertar educando. Educação e Libertação exigem conscientização: tomar consciência de que existe e que tem história a construir. Somos conscientes quando tomamos a atitude crítico-reflexiva, de analisar, criticar e refletir determinado objeto. O homem, quando se põe na posição de objeto, ele faz uma profunda análise de si mesmo, percebe o que é preciso transformar, libertar.

O sujeito-objeto faz uma viagem profunda sobre sua existência no mundo. Quando ele assume a posição de objeto visa saber o que pensa o outro, o que é, ou representa ser. Enquanto o sujeito analisa e investiga, o objeto é analisado e investigado. Com os verbos, analisar e investigar, buscamos verificar o nível de conhecimento e o grau de coerência entre o falar e o fazer, o ser e o viver.

Não basta dizer: Somos livres, libertos. É preciso viver a liberdade de fato. E ser livre é uma atitude autêntica, capaz de assumir a consciência de si mesmo, do outro e da realidade que vivemos. A educação e a liberdade acontecem, de fato, no encontro com o outro. Freire afirma que “ninguém educa ninguém”; “ninguém liberta ninguém”; todos se educam e se libertam coletivamente, ou seja, um necessita do outro para aprender e ensinar, amadurecendo assim a consciência coletiva, do todo, do bem comum.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.12).

A educação requer transformação que aponta três verbos: transformar, formar e agir. Os três verbos estão interligados, e um depende do outro. Olhando o Brasil, um país grande, rico, tem toda capacidade de libertar-se da desigualdade, opressão, marginalidade, ignorância. A sua libertação será possível quando todos os seus habitantes tomarem a consciência de que são humanos, aprendentes, ensinantes, e de que todos estão num mesmo barco, com o mesmo objetivo: ser feliz.

Pergunta-se: Como ser feliz sem ter dignidade e promoção humana? É possível ser feliz com a negação dos direitos e deveres? A felicidade é para alguns e não para todos? Há uma ligação entre felicidade e justiça social? Como respirar a felicidade sem o alimento na mesa? Como aprender sem alimentar-se? Por que as escolas são precárias? Qual a necessidade de existir dois tipos de escolas? Se a educação fosse, verdadeiramente, de qualidade, era preciso existir escola pública e privada? O professor além de lecionar com o desejo de formar cidadãos autênticos e honestos; toma a postura de pai, mãe, psicólogo, amigo, irmão? Enfim, é possível transformar a realidade da educação no Brasil?

Por que um dia nos tornamos professores? Vamos tentar responder isso voltando ao círculo inicial, para perguntar qual o papel social dessa profissão que é ensinar aos outros aquilo que

EDUCAÇÃO: INSTRUMENTO QUE LIBERTA, SOB O OLHAR REFLEXIVO DE PAULO FREIRE

eles ainda não sabem, ou ainda não sabem que sabem, ou apenas sabem de modo assistemático ou que temos de aprender com eles o que sabem? Ou, dizendo de outro modo, qual o lugar social dessa profissão responsável por educar os outros para serem, saberem e fazerem de maneira universal na diversidade certos procedimentos comuns a toda a humanidade? Ou ainda, para fazer a mesma indagação de outra maneira, qual a importância dessa profissão para a sociedade em que vivo e para aquelas que virão? (SOUZA NETO, 1994, p. 255).

Professor – educador. Profissão brilhante, árdua e libertadora. O educador liberta o educando da ingenuidade, da desinformação, do desconhecimento, do descompromisso. Ele pensa e age em prol do aluno: pensa o seu crescimento com as competências e habilidades de aprendizagem, e age com intuito de formar o verdadeiro cidadão. O educando será o educador do amanhã.

Educar não é imposição, mas a proposta de libertação. Educar é lapidar o que somos, é mudar algo em nós, nos tornando melhores. O ato de ser melhor para servir melhor a nação. Excelentes professores, excepcionais alunos. A excelência de ser professor está no investimento na formação do profissional, que passa pelo humano, pedagógico, intelectual.

O educador, quando valorizado e respeitado por todos, estará pronto para abraçar a causa: o educando. Pergunta-se: Quem almeja ser professor, hoje? Qual o motivo da negação em ser professor? É a ausência do respeito e da dignidade? É o descompromisso dos políticos brasileiros com a educação? É o desinteresse do aluno em aprender e ensinar? Enfim, vale a pena ser professor no Brasil contemporâneo?

[...] um ensaio, um momento de ascensão na preparação do aluno para sua vida profissional. É por meio do estágio que o aluno, enfrentando os desafios do mundo moderno, tem a possibilidade de aprender fazendo, transformar o saber ao aliar a teoria aprendida na academia com prática utilizada nas organizações. Desta forma, o estágio pode ser considerado um campo de treinamento, um espaço prático de aprendizagem onde (sic) o estudante terá contato com situações e atividades de aprendizagem que visam à formação profissional do mesmo (TEIXEIRA, 2020, p.2).

A missão do professor é de inteira responsabilidade: forma o verdadeiro cidadão. Ele se prepara para preparar o aluno, serve com vontade e satisfação. O professor comprometido é criativo ao ensinar e aprender com o aluno, o faz encantar-se com a existência, a criar novos caminhos para solucionar os problemas, sejam eles políticos, sociais, econômicos. Agir com inovação e transformação é atitude natural do professor consciente.

Uma boa aula é tão importante que figura como uma mola propulsora estimulando o gosto pelo estudo: ao apresentar o conteúdo de formas variadas, o professor prende a atenção do aluno, reforçando a idéia que o elemento surpresa mantém o seu interesse. Além disso, a intervenção pedagógica aumenta a amplitude do conteúdo, sendo que o fornecimento de instruções e pistas induz o aluno à reflexão, exigindo intenso trabalho cognitivo. (CERRATI, 2008, p. 15).

O professor, antes de iniciar a aula, pergunta o nome do aluno, seus sonhos, desejos. E partilha com eles os seus sonhos, anseios, sacrifícios, vitórias. Nesta relação dialógica ambos aprendem e ensinam, tomam consciência de que é possível realizar-se como ser humano, profissional, cidadão. Não há realização sem a busca e sem o compromisso. Buscar é comprometer-se consigo mesmo: quero ser melhor para servir melhor o outro.

Neste sentido e não só neste, mas em outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os 33 condiciona. Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à 99 maneira como pensam; dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem. (FREIRE.1995. p. 79).

O ato de educar aponta para a libertação, exige consciência e compromisso por parte de todos: Escola, Família e Sociedade. O aluno experimenta várias situações e realidades diversas, sejam em casa, na escola ou na comunidade. O professor escuta a realidade e história do aluno e faz a ligação com o conteúdo pedagógico, facilitando a aprendizagem do mesmo. O conhecimento sem a praticidade é morto, ou seja, não serve para nada. O conhecimento exige transformação. O fato de saber o que não sabia confirma que houve transformação: está informado e formado para lidar com os desafios futuros.

No ato educativo estão envolvidos o planejado, o pré-estabelecido, e os imprevistos. O contexto da aula é um contexto de múltiplos acontecimentos, um tempo/espaço em que estes elementos estão em jogo, em movimento, e geram ensinamentos e aprendizagens intencionais e não intencionais para professoras e estudantes. (SAMPAIO,2004, p. 2).

A educação passa pelo diálogo entre educador e educando visando transformar a realidade cruel, excludente, egoísta. Se a educação é um ato de amor é sinal de que deve existir entre as pessoas o respeito, igualdade, justiça.

Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Porque não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes das áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p.33-34).

Antes de questionar o mundo e a realidade, devemos questionar nossa atitude diante do outro, nossos interesses e compromisso com o bem comum.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, a educação é o instrumento que liberta o ser humano da ignorância, do egoísmo, do fechamento de si, da alienação, da exclusão. Libertar significa transformar o homem por completo, tornando-o pensante, crítico e comprometido com a própria causa: o ser humano.

Sabemos que, a educação vai além do ato de ler e escrever palavras. É preciso aprender e ensinar a pensar com amor, respeito e direção. A direção de quem ensina é a felicidade, formando educandos habilidosos, criativos e inovadores. "Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática"(Freire, 1996, p.22).

A educação exige a participação ativa do educador e do educando no processo de ensino-aprendizagem, conhecendo e instigando toda a realidade presente. Uma educação de qualidade é possível, desde que haja consciência e engajamento por parte de todos os cidadãos. Antes de formar o profissional é preciso formar o homem desceite, consciente, verdadeiro, crítico, comprometido com seu povo.

O Brasil precisa de homens e mulheres conscientes e comprometidos com a educação. E o fato de comprometer-se com a educação brasileira aponta sinais de empenho, de busca, de competência e de transformação, manifestando o desejo de ver o Brasil justo, solidário, sábio, humano, digno e feliz.

Família e Escola – contribuem para a transformação, criando momentos reflexivos e comprometidos com o bem comum, alimentando a alma com conhecimentos e o coração com amor, reafirmando que somos todos irmãos, e que aprendemos e ensinamos com o outro.

Em suma: A educação é ato de amor, e quem ama se liberta para libertar o outro. O significado profundo do libertar-se é obter vida nova, acompanhada de dignidade, promoção humana. Dessa forma, seremos sinais de esperança e de conquista, de valores e de realizações. Portanto, a educação liberta o homem das mazelas humanas, e o ilumina para a felicidade, devolvendo o rosto vivo, natural, digno, feliz. Isto é educar.

REFERÊNCIAS

CERATTI, Márcia Rodrigues Neves. **Evasão escolar: causas e consequências**. Município de Nova Londrina. 31 páginas, 2008.

FEITOSA, Sônia Couto Souza. **O Método Paulo Freire**. FE-USP. São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra – 5ª Edição, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra - 17ª Edição, 1987.

_____. **Professora sim, tia não**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAMPAIO, Marisa Narciso. **Quando a Rotina é o Imprevisto**, ou o diálogo entre o pré-estabelecido e o contexto dos acontecimentos na sala de aula. Revista Teias. Rio de Janeiro, v.5, nº9-10, 2004.

SOUSA NETO, M. F. **O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor**. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, 2005.

TEIXEIRA, Maurício C.; et al. **A percepção dos jovens sobre o estágio** e a resistência aos estágios não remunerados. Acesso em: 24 jun. 2020.